

Resumo

Este artigo examina as viagens dos antigos egípcios *Por mares nunca dantes navegados*, em busca de coisas raras e importantes para uso cotidianas e a realização de rituais. Entre elas, há desde materiais brutos como incenso, especiarias, óleos, marfim, madeiras, lápis-lazúli, turquesas até manufaturas como instrumentos musicais (lira e flautas), armas, objetos de ouro e prata, navios, carruagens; animais: touros, avestruzes, panteras, babuínos e, até mesmo pessoas: os pigmeus.. A necessidade desses artigos leva os egípcios, desde o antigo reino, rumo à Ásia,.ao deserto ocidental e oriental, à Núbia e PUNT.

Abstract

This article looks at ancient Egyptian's voyages to never before navigated seas, in the search of rare and important things for everyday life and to make rituals. Among them, there are since raw materials like incense, spices, oils, ebony, timber, lapis lazuli, turquoise to manufactured goods like music instrumental (lyra and flute), guns, gold and silver objects, boats, carriages; animals: bulls, ostriches, panthers, monkeys and until persons: the pygmy. The necessity of these articles leads the Egyptians, since the ancient kingdom, to Asia, western and eastern deserts, to Nubia and Punt.

O EGITO ANTIGO NA BUSCA MILENAR PELO RARO

O Egito é conhecido como o celeiro da antigüidade pelo desenvolvimento no vale do Nilo de uma produção agrícola organizada que sustenta a população local e fornece excedentes para exportação, desde o início do período dinástico,

As chuvas são raras no Egito e a água necessária para a vida provém das cheias anuais do Nilo, que ocorrem entre junho e outubro, cobrem e fertilizam as terras com o aluvião e permitem ainda que nos decorrer do ano seja possível a irrigação regular das áreas cultivadas, mediante a administração das águas depositadas em canais preparados para isso.

Entre as principais culturas Egípcias estão os cereais: o *Triticum dicoccum*, espécie de trigo, a **cevada**; **leguminosas, como lentilha e grão-de-bico**; **cebolas alho**; **frutas**, especialmente as **tâmaras**, **forragem** para animais; e plantas cultivadas para extração de óleo, como o **sésamo**.

O O Egito também produz e exporta o **linho**, mais tardiamente o **papiro** e excepcionalmente o **ouro** (que existia no próprio Egito, mas apenas ao sul a partir de Coptos)(WILSON, 1993:92).

A distribuição interna de bens no Egito é basicamente fluvial. Isso é possível face a permanente brisa que sopra sobre o Nilo mesmo que o ar pareça imóvel sobre as terras do vale e do deserto (BETRÒ, 1995:220). A imagem de uma vela branca enfunada pelo vento, é a representação natural da idéia de vento na escrita hieroglífica..

Os mercadores, informa James, sobem e descem o rio, ativos como abelhas. (JAMES, 1985: 248) É natural que em um País constituído por um vale estreito e um longo rio, ele se torne a principal via de comunicação.(Adolf Erman) Esse é um fato óbvio, expressado através do termo mais específico para o verbo comerciar que são as expressões **seguir a corrente** e **descer contra a corrente**.(ERMAN, 1971:478)

Há um monopólio faraônico sobre as atividades comerciais, de formas que provávelmente são os funcionários reais que atuam na comércio internacional sob o controle do Tesouro. E aqueles que transportavam e distribuían as coisas no País são muito possivelmente subordinados a um vizir, governador provincial ou de organização templária. (JAMES, 1985: 248)

Como cabia à Instituição faraônica o controle das atividades comerciais a nível local ou, no caso da busca de coisas raras, por mares nunca d'antes navegados, os produto procurados servem ao poder real. Entre eles, há desde materiais brutos como incenso, especiarias, óleos, marfim, madeiras (acácia e ébano pedras duras, lápis-lazúli, turquesas até manufaturas como instrumentos musicais (lira e flautas), armas, objetos de ouro e prata, navios, carruagens; animais: touros, avestruzes, panteras, babuínos e, até mesmo pessoas: os pigmeus

Entretanto, a saída da região nilótica significa deixar a terra abençoada pelos deuses e correr riscos. O mito de criação de **Heliópolis**, um dos mais antigos e importantes da história dessa sociedade, identifica o Egito irrigada pelo Nilo com a terra de **Horus**, o deus benéfico, e aquelas a partir do deserto, com **Seth**, o maligno.

A historiografia reforça essa idéia e valoriza o isolamento do Egito dos territórios vizinhos, fato que é geralmente atribuído aos seus limites geográficos naturais: o mar **Mediterrâneo**, ao norte, as **cataratas**, ao sul, e os desertos que separam o Egito da Líbia, o **ocidental**, e o que se forma entre a região nilótica e o mar Vermelho, o **oriental**.

Aventurar rumo ao leste seguindo a costa do mar Mediterrâneo, atravessar as barreiras formadas pelas cataratas e rumar ao interior da África, ou penetrar nos desertos ocidentais e orientais são desafios enfrentado para a conquista de algo raro, necessário, desejado.

Inicialmente, os barcos usados pelos egípcios são pequenas embarcações, tipo casca de árvore feitas com feixes de papiro. Depois, começa a construção de barcos de

madeira. Como há poucas árvores no Egito e a madeira é de má qualidade, a madeira para construção de navios é desde o início do período dinástico o mais importante produto que os egípcios importam. A antigüidade desse comércio pode ser comprovada pelo barco funerário de **Keóps**, o construtor da grande pirâmide, que é de **cedro**, da Síria Palestina, denominada, pelos antigos Egípcios, de **RETJENU**. Alguns dos nomes que eram dados as diversas inexistem. Outros, como **Damasco, Beirut, Biblos, Tiro, Gazza**, ainda permanecem.

Um índice **culinário** relevante sobre a antigüidade das relações entre o Egito e seus vizinhos remonta ao velho império, período em que o pão sírio se torna comum nas mesas faraônicas. (ERMAN,1971:514).

Á nordeste do **ReTjenu** está a Assíria, sendo a região de Naharena, no Eufrates, normalmente o limite da jornada para os Egípcios. Além desse ponto, eles comerciavam com Sangar, País montanhoso, situado entre o Eufrates e o Tigre, atualmente denominado de Sindjar, e com a própria Assíria. É interessante notar que o **Eufrates** não é mencionado, pelos egípcios, por um nome específico, sendo chamado simplesmente de “**água de Naharena**” e considerado exótico pela direção em que correm suas águas. Por essas paragens os egípcios também comerciavam o **lápis-lazúli**, cuja principal fonte é, na antigüidade, Badakshan, no Afeganistão, à época uma região muito próspera.¹

Durante o Novo Império o volume e a diversidade de produtos importado da **Síria** pelos Egípcios, aumentou muito em relação ao antigo Império, incluindo uma diversidade de coisas para consumo.

Na busca pelo raro, os Egípcios se aventuraram até mesmo nos temíveis desertos, o ocidental, da Líbia e o oriental, entre a terra nilótica e o mar vermelho.

Sobre o deserto ocidental é importante saber que, na antigüidade, se chama de Líbia toda terra que se estende até 1500 m. ao sul do mar. Essa região é tão hostil aos humanos que os oásis de **el-Kharga** e **el-Dakhla**, ali situados, tornam-se **esconderijos ideais**, ao longo da história do Egito antigo, para fugitivos da justiça e/ou de outro tipos de perseguições. (BAINES,1996:19) Poucas razões são suficientemente fortes para dispor pessoas para ali viajarem.

Os Egípcios viajam à Líbia por duas razões basicamente: para buscar **uvas e tâmaras**, de excelente qualidade, ou porque é ponto de passagem para rotas comerciais mais remotas.

¹ Na antigüidade ocorreu um significativo número de trocas culturais. Aquilo que os antigos Egípcios não podiam trazer para o seu País, eles buscavam imitar. Eles adotaram, inclusive, algumas divindades sírias como Baal, Astart e Anat.

A Núbia, inicialmente conhecida como **Terra do Arco**, foi um local procurado, pelos Egípcios antigos, desde 4.000 a.C., devido as suas riquezas naturais. Especula-se que o próprio termo Núbia pode ter derivado de - **NBU** - palavra egípcia antiga para designar **ouro**.

Não existe hoje nenhuma entidade política com o nome de **Núbia**, mas o termo ainda é usado para definir a região entre Asswan e Debba, onde dialetos núbios ainda são falados. Atualmente ela está dividida, parte no Egito e, outra, no Sudão.

Desde os inícios do período dinástico havia uma fronteira natural entre o Egito e a Núbia, na altura da primeira catarata, em Gebel el Silsila, formada pelos blocos de arenitos. Esse local é extremamente importante para os antigos Egípcios porque ali há uma rica pedreira, onde os egípcios extraem material para suas grandiosas construções.

Ao sul de Gebel el-Silsila, começa a Núbia,² cujas principais cidades são Assuão e Kom Ombo. (BAINES,1996:20)

Entre a 1 e a 2 catarata fica a Baixa Núbia, região vital de passagem para as riquezas naturais da África, principalmente os animais exóticos: os leões, leopardos, pantera, girafas, antílopes, avestruzes, babuínos, gazelas e macacos. A lista se completa com as madeiras, de Wawat, acácia e ébano, pedras duras, como *feldspar* (tipo de pedra rochosa), cornélica, *diorito*, ouro, especiarias, pigneus e marfim.

Os nomes de alguns dos lugares dessa região fronteira como a ilha de *Abu que significa, na língua local* **Elefantina** e a de *Suênet* (**Syene**), o qual significa **Ilha do Marfim** permanecem e testemunham a antigüidade e importância desse comércio.(ERMAN, 1971:499)

A partir de 3000 aC, o Egito unificado, com uma sociedade com governo centralizado, linguagem escrita e interesses comerciais em expansão, naturalmente parte para a busca de objetos sofisticados.

Não há dúvida de que o Egito atraído pelas riquezas do interior africano, parte para a conquista política na Baixa Núbia. Então, **os produtos africanos passam de mercadorias a tributos, o que é obviamente vantajoso para os Egípcios.**

Desde os tempos do Faraó Pepi II³, VI dinastia, que Elefantina passa a ser governada pelos príncipes núbios, que atuam na condição de oficiais dos faraós.

Os governantes Egípcios da XII dinastia penetram fundo no interior da África. **Sesóstris I** é o Faraó que mais longe vai na busca das minas de ouro do deserto Núbio. Data do seu governo a primeira referência ao reino de **Kush**, parte mais meridional da Núbia, na altura da **terceira** catarata.

As conquistas egípcias se alastram até o País de Wawat e o neto de Sesóstris I, **Sesóstris III**, no oitavo ano de seu reinado, estabelece uma fronteira, muito rígida,⁴ pela

² A Núbia, por sua vez, precisava de produtos do Egito como o mel, roupas de linha e instrumentos especiais como os machados de cobre e o enxó² do tipo egípcio.

³ Pepi II – VI Dinastia – 289-2255 a.C.)

⁴ Ele construiu primeiramente um templo a Dedun, o deus núbio, e depois a Knum.

qual nenhum **núbio** pode passar nem por água nem por terra. Exceto na qualidade de embaixador ou mercador direcionado para o entreposto de **Egen**, controlado pelos Egípcios podia passar, **porém não** em seus próprios barcos.

Para garantir a permanência do comércio, os **Faraós da XII** dinastia constroem uma série de fortes em locais estratégicos. Eles demonstram um excelente conhecimento arquitetônico, através dos pontos escolhidos para as construções a partir de análise da topografia local e no produto final da construção do tipo militar.

O **Forte de Buhen**, por exemplo, na **Segunda catarata**, com cerca de 8 m.de altura, muros com bastiões, seteiras e profundos fossos é um belo protótipo dos fortes que serão construídos posteriormente na Síria, pelos faraós da XVIII dinastia e pelos europeus, ao longo do período medieval. As fortalezas monumentais são protegidas por grandes muros circundantes, possuem baluartes de defesa, fossos, portões maciços, pontes levadiças.

Internamente, elas são praças comerciais, com locais para administração, armazenamento, oficinas, barracas, além, naturalmente, de templos para o culto aos deuses locais.

Tutmés I, vai ainda mais longe nesse processo expansionista Egípcio e conquista até Napata, onde fica a montanha sagrada de (Gebel Barkal – considerada a residência do deus Uraeus). Tutmés III mostra como Amon se revela para ele nessa montanha.⁵

A partir, de então, a **Núbia**, ou como os Egípcios chamam **Kush**, permanece por quinhentos anos sob o domínio egípcio, período conturbado pelos movimentos de revolta dos nativos, mantendo-se, no entanto, o caldeamento das mercadorias africanas para o Egito. (ERMAN, 1971:503)

Essa conquista territorial tem muita importância para a história de Napata, capital da Alta Núbia, onde se desenvolve uma cultura de influência egípcia, que dá origem a 25 dinastia egípcia e ao reino de Napata-Meróe, que, por sua vez, se mantém até 350 aC, quando é destruído pelos **Etiópes**⁶.

Voltando para a história do comércio, viajar rumo ao deserto oriental representa uma aventura potencialmente muito gratificante. Nessa direção estão pedreiras ricas de material de construção e jazidas de semi preciosas. Entre os minerais mais cobiçados, ali existentes, salientam-se as turquesas, extraídas pelos egípcios desde a 3 a dinastia até o fim do Império Novo.(Conto da depressão de Senferu)

O **Sinai** possui também minas de **cobre**, fato comprovado por escavações de ruínas egípcias no Sinai ocidental, onde há até mesmo um povoamento egípcio permanente.

⁵ Uraeus representa o direito de reinar e forma de amuleto com poderes de desviar mau olhar.

⁶ Etiopia do grego *aithiops*, os que tem o rosto queimado.

Algumas pedreiras localizam-se perto do vale do Nilo, como é o caso de Gebel Ahmar (**quartzito**) e de Hatnub (**alabastro egípcio**), mas outras, especificamente, as de **grauvaque** (pedra negra e dura), em wadi Hammamat, e as de **ouro**, situadas em grande parte ao sul, na latitude de Coptos, implicam na organização de expedições em grande escala. (BAINES,1996:19)

O domínio egípcio sobre a população nômade local é importante para a exploração das minas e para utilização de três principais vias de acesso ao mar Vermelho pelo wadi Gassus até Safaga, pelo wadi Hammat até Quseir e pelo wadi Abbad até Berenice, existindo ainda outro caminho que vai de cerca de 80 km ao sul do Cairo até o golfo de Suez. Há indícios de que a utilização destas rotas data do fim do período pré-dinástico (wadi el-Qash, de Coptos a Berenice), para fins de comércio do mar Vermelho ou com a exploração mineira. (BAINES,1996:19)

A ligação entre o Egito e o Mar vermelho pode ser vista, então, como um dos aspectos mais atraentes da rota do deserto oriental.

É extremamente importante analisar a denominação que os antigos egípcios dão a essa região: **Terra Divina - Oriente – Levante** – com uma conotação semelhante a que possui a palavra Levante nos tempos modernos.

Punt⁷ é o nome dado a uma parte dessas terras, em um lugar não rigorosamente determinado e que corresponde provavelmente a moderna **Eritréia** ou **Somália**, no chamado **Chifre da África**, de onde provinham inúmeros artigos exóticos, de luxo, sendo os mais importantes **o incenso e a mirra**⁸. (BAINES,1996:20)

⁷ O nome Punt não é um monossílabo, mas uma palavra com duas sílabas contendo as consoantes *p*, *w*, *n*, juntamente com o final feminino *t*. (ERMAN,1971:505)

⁸ Designação comum a duas árvores da família das bursé, originárias da África, cuja resina dimana por incisão e se usa como incenso e em perfumes, unguentos, etc. Aurélio.

É provável que a **A Terra Divina** refira originalmente somente o Oriente, onde o deus Rá, aparece diariamente. Em linguagem comercial o termo é provavelmente aplicado ao deserto montanhoso, entre o Nilo e o Mar Vermelho, a península do Sinai, e também, sem dúvida, ao norte e o centro da Arábia. **Punt** significa a mais tropical das costas do Mar Vermelho, o sul da Arábia, e a costa da Somália.

Não há nenhuma dúvida de que os egípcios desde tempos muito remotos estão em comunicação com essa **Terra Divina**. Lá se localizam as pedreiras de Hammamat, e através daquele país passa o caminho que leva para o Mar Vermelho, minas do Sinai, e os países do incenso. Não há dúvidas de que nos tempos de **Sneferw**, ainda na Quarta dinastia, os *tesouros dos deuses*, e seus funcionários subordinados, viajam nessa via como agora é feito pelas caravanas dos tempos atuais – a rota de **Qosêr**.

No decurso dos séculos os pontos de chegada e de saída dessas rotas sofrem algumas mudanças. É fato sabido que os egípcios constróem, ao norte de Qosêr, um forte para proteção do lugar e um pequeno templo onde os viajantes podem pedir a proteção do deus do deserto e da *Terra Divina*: **Min de Coptos**.

Dois referências importantes da XI dinastia indicam a presença dos Egípcios em **Punt**. A primeira, data do reinado do faraó Mentuhotep, que abre um poço em Hammamat e traz água para as montanhas, sem a qual elas são intransitáveis para os humanos. (ERMAN, 1971:506)

A Segunda referência data do Médio Império, do reinado de Seanchkere (2010-1998 a.C.) e consiste em uma inscrição que o **Chefe do Tesouro – Henu** – manda gravar em Hammama, como segue:

Sua majestade incumbiu-me de mandar barcos para Punt, para buscar incenso fresco dos príncipes e chefes do país vermelho (...). Eis que eu saio da cidade de Coptos

Então, eu marchei com um exército de 3.000 homens. Havia artistas de diferentes estilos que seguiam os soldados. A rota da jornada passava por muitos lugares desconhecidos para nós, e tudo estava tão bem arranjado que eu tinha condições de dar a cada um de seus homens dois cântaros de água e vinte pães diariamente.

Cavei três fundos poços e cheguei ao mar, construí este barco, e o equipei completamente e preparei um grande sacrifício de bezerras, bois, e gazelas. Quando eu retornei do mar tinha trazido tudo o que sua Majestade tinha me ordenado, todos os produtos que eu tinha achado nos distritos da Terra Divina.”, além de colossais blocos de pedra de Hammamat.

Nada dessa importância tinha sido feita anteriormente. Henu explicava que tudo fizera por amor ao rei e em reconhecimento da importância que ele lhe dava .

Pelo relato, explica Erman, **Henu** não viaja para **Punt**. Ele marcha com os seus homens de **Coptos** ao **Mar Vermelho**. Lá, ele equipa um navio e com os sacrifícios que ele oferece aos deuses assegura uma boa viagem. (ERMAN, 1971:507) Já **Martinez informa** que há indícios de que no Médio Reino, uma expedição com cerca de 3000 homens, parte de **Coptos**, atravessa o desolado deserto oriental, rumo ao mar Vermelho.

Ela transporta madeiras e carpinteiros para a construção de navios, em instalações portuárias existentes em Mersa Gawalis, ao norte de Qoseir. (MARTINEZ, P.: NOV 1993.)

Em síntese, os Egípcios, muito antes que os navegadores da modernidade, constróem um mito em torno do **LEVANTE/ ORIENTE**, como lugar mágico, onde o sol nasce e onde há um número grande de coisas importantes e raras, que lhe conferem o caráter de **TERRA DIVINA**. (ERMAN, 1971: 505)

Tal concepção, explica Erman, é comum em vários momentos da história. Os povos na antigüidade costumam imaginar que os países distantes, de onde coisas preciosas são trazidas, são habitados por criaturas extraordinárias. Acham difícil acreditar que as especiarias que admiravam são provenientes de plantas comuns. Se as pedras preciosas são constitucionalmente iguais aos seixos, como podem ser tão raras?

Um único papiro preservado no Museu de **St. Petersburgo**, chamado de O Papiro de Leningrado, que data provavelmente do Médio Império, contém um texto muito importante para essa apresentação. Trata-se de um conto que tal como a literatura de cordel contém uma sequência de narrativas.

Em síntese, o conto narra que um funcionário tenta consolar um alto oficial que volta de uma expedição aparentemente fracassada. Ele narra o exemplo de um desastre que se transforma em sucesso, como segue:

“Eu estava viajando para as minas do faraó, relatava o tesoureiro, e eu fiz colocar ao mar um navio com 20 m. de comprimento, equipado com 150 dos melhores marinheiros egípcios, que sabiam do céu e da terra, e nos quais o coração era mais sábio que o de um leão.

“Eles disseram que o vento não seria mau, que seria calmo; mas quando estávamos no mar levantou uma ventania, e estávamos já longe da terra quando o vento levantou e as ondas tomaram a altura de -----metros.

Eu sozinho, agarrei-me em um pedaço de madeira; todos os outros do barco pereceram sem exceção. Uma onda varreu-me para uma ilha depois de eu ter passado três dias sozinho no mar. Então eu deitei em uma moita e tudo ficou escuro para mim. Finalmente, eu saí para procurar comida. Achei **figos e uvas**, todos os tipos de **plantas e frutas, melões, peixes e pássaros**. Nada era procurado. Então eu comi até ficar satisfeito e repousei na grama. Então eu fiz um buraco, acendi um fogo, e ofereci um sacrifício para os deuses.

De repente, eu ouvi um barulho de trovão, que eu achei que era o ressoar de uma onda; as árvores tremeram e a terra sacudiu. Eu levantei minha face e vi uma víbora se aproximando; ela tinha -----de comprimento e sua barba tinha mais que ----- de comprimento. Seus membros estavam incrustadas com ouro, e suas cores eram como lápis-lazuli. Ele abriu sua boca. Eu me joguei aos seus pés. Ele falou:

- Quem vos trouxe cá? - Quem vos trouxe cá? - Quem vos trouxe cá?
- Se você não me responder quem trouxe você, eu vou lhe mostrar quem você é.

Então ele me tomou em sua boca, carregou-me para sua toca, e me colocou no chão sem me machucar. E me perguntou novamente:

- Quem vos trouxe para cá?

Então eu respondi, fazendo uma mesura para ele:

- Por ordem do faraó eu viajei para as pedreiras em um barco de 20 m. de comprimento 40 de largura, manejado por 150 dos melhores marinheiros egípcios, que conheciam a terra e os céus e cujos corações eram mais sábios que os de um leão.

- E contei-lhe toda a história.

- Não tenha medo, pequeno. Não fique com a face ansiosa. Se você chegou até mim, então Deus preservou sua vida. Ele vos trouxe a esta **ilha espiritual**, onde não se deseja nada, e onde está cheio de todas as coisas boas. Veja, você pode ficar aqui um mês após o outro, até que você tenha gasto quatro meses de sua vida nesta ilha. Então, um barco virá com marinheiros de fora deste país, e você poderá voltar para o seu.(...)

- Conversar é bom, ajuda-nos a mandar longe os tempos maus. Eu irei por isso vos relatar o que se passa nesta ilha. Eu vivo aqui com meus irmãos e meus filhos, rodeados por eles. Nós somos 75 e cinco serpentes com filhos e criados e uma outra serva (...).Se você for forte e tiver paciente espírito; você poderá abraçar seus filhos e sua esposa; será capaz de ver sua casa novamente, com todas as suas coisas boas, e retornar ao seu país e viver com os seus filhos.

Então, eu me joguei a seus pés e lhe disse:

- Eu direi ao faraó sobre isto. Eu vou contar a ele como você é grande e farei com que lhe seja trazido o óleo sagrado – **olíbano** - (espécie de incenso) e **cassia**. Eu contarei a ele a minha experiência, e agradecimentos a você serão feitos em todo o País. Eu vou sacrificar macacos como oferenda a você; eu vou depenar gansos para você, e lhe mandarei navios com todos os tesouros do Egito, como se faria com um deus, que é bondosos com os humanos em uma terra estrangeira.

Ele riu com o meu discurso e disse:

- Na verdade, vós não sois rico em mirra, nem em incenso comum. Eu, entretanto, possuo mirra. O **óleo heken**, que você mencionou é raro nesta ilha. Mas (não se preocupe em mandá-lo). Assim que você deixar esta ilha e partir para o seu País, não verá jamais esta ilha novamente: ela vai ser transformar em água.

E veja, quando o barco veio como ele tinha profetizado, eu subi em uma árvore para ver quem vinha e então eu fui até ele contar, e ele já sabia, e ele me disse:

- “Volte em paz, pequeno, possa você ver os seus filhos de novo, e deixe atrás de você um bom nome na cidade, este é o meu desejo”.

Então, eu me curvei diante dele com os meus braços abertos para os lados, e ele me deu presentes de **mirra**, de **óleo heken**, de **olibano** e **cassia**, de **madeira teshepes** e **peles de pantera (?) de madeira merery**, de **incenso comum**, **presas de elefantes**, **galgos**, **macacos Gunf e Kiu**, e outras coisas preciosas.

Eu fiz com que tudo fosse levado a bordo do navio que chegara e agradeci. E ele disse:

- Veja, em dois meses você vai chegar em seu país, abrace os seus filhos no seu

coração, descanse com segurança em sua tumba.

Então eu desci a praia e agradei ao senhor da ilha e os que vivem com ele. Em dois meses cheguei a residência do faraó, dei-lhe os presente e ele me agradeceu diante de todo o país.

Há ainda um terceiro e importante registro sobre a estada dos Egípcios nas *Terras dos odores que agradam aos deuses*, desta feita do Reino Novo.

Com **Hatsepsut** (1473-1458 a.C.), os egípcios fazem inúmeras conquistas, do Eufrates ao Nilo Azul., o que torna o Egito um ponto central entre a Ásia e a África oriental. Um dos eventos mais importantes desse reinado é a expedição que Hatsepsut manda a Punt⁹, via Mar Vermelho.

Até então, o Egito recebe quantidades mínimas de aromas, eventualmente impuros, porque misturados com outras substâncias, através de mercadores que fazem longas caravanas pelos desertos sudaneses.

A expedição, organizado no 7/8 ano de Hatsepsut, visa trazer uma grande quantidade da **resina sagrada** e sobretudo **árvores de incenso vivo** que permitem ao Templo de Amon um auto abastecimento..

A expedição busca expressamente o **Oliban** – árvore de difícil identificação atualmente, mas também outros produtos vegetais como o **ébano (madeira preta)**, **gomas, resinas e frutas** como a **nós do coco, minerais**, como o **ouro djam, electrum, liga natural de ouro e prata e o ouro ouadj, verde**, que deve ser uma aliança próxima comportando uma forte percentagem de **cobre escuro, o kohol**, inicialmente usado para proteção dos olhos contra os insetos e depois como cosmético.

A expedição é composta de cinco navios, com cerca de 20 metros de comprimento, 35 remadores e gigantescas velas, que se sobressaem como asas além das laterais dos navios. Não são muito diferentes daqueles que navegam no Nilo. Por tal razão supõe-se que não tem condições de enfrentar as águas turbulentas do mar Vermelho, o que leva a pensar em navegação de cabotagem. Cada navio leva 210 homens, mais 30 remadores, 8 guardas, 1 oficial. Os navios levam ainda grandes jarros que contém **cerveja, vinho, carnes, frutas e pães**, provisões perecíveis que não se sabe como são conservadas. Antes da partida dos navios são realizados sacrificios na praia, perto das árvores, onde os barcos estão atados, em homenagem à deusa **Hathor, A senhora de Punt**, aquela que *“pode mandar o vento”*.

Pelo estudo das correntes e ventos, Kitchens avalia que a viagem dura cerca de 4 a 6 semanas, com a velocidade ----- na ida e três meses para a volta, contra o vento norte.

⁹ Devemos o conhecimento desta expedição ao egiptólogo francês Auguste Mariette que descobriu no pátio sul do segundo terraço do Templo de Hatsepsut, em Deir el Bahari, descrições de paisagens relativas ao País de Punt. MARTINEZ, Philippe Une Expedition pacifique au lointain pays de Pount. *Le dossiers D'Archeologie*, N. 187S/ NOV 1993.

O aspecto de Punt, com a luxuriante vegetação tropical, deve ter produzido um efeito extraordinário nos egípcios, com suas **palmeiras doum** e as **tamareiras e coqueiros**. A fauna é típica da África: gado com **cornos longos, girafas, rinocerontes, símios, panteras e leopardos**.

Os grandes de Punt vem ao encontro da expedição – **Parakhon** e sua mulher **Aty**, seus filhos, uma menina e um rapaz. A figura da rainha fica legendária pela sua obesidade fora do normal. Eles ofereciam presentes de origem animal aos egípcios: **gado africano com os cornos longos, ovos e plumas de avestruzes, cachorros semelhantes a galgos, babuínos ou pequenos símios, panteras e leopardos, bem como peles de leopardo**.

Os egípcios, em troca, oferecem **colares vistosos de ouro, pérolas de cerâmica, braceletes, machado, adaga e coldre**.(MARTINEZ, P. :1993, 85)

Todas as coisas são empilhadas no navio. Os macacos podem brincar em liberdade. Os barcos voltam vergados com os tesouros de Punt e as **belas plantas da Terra Divina**; com pilhas de **incenso, árvores de mirra, com ébano e puro marfim**; com **ouro** do país de Amu; com **madeiras perfumadas**; com vários tipos de **incenso e pigmentos**; com **babuínos, macacos e galgos**; com **peles de pantera do sul**, com **escravos** e seus filhos.

Quando o espólio chega a Tebas é recebido em triunfo. O que causa maior admiração são as **três árvores ainda em crescimento de incenso**.

Isso é novidade no Egito e quando Tutmés III sobe ao poder também, ele, recebe uma árvore de incenso em crescimento. Ramsés III manda seus grandes navios aos países do “grande mar de águas revoltas”, isto é, o sul da Arábia. E as **árvores de incenso** são novamente consideradas as melhores coisas do espólio que a expedição traz da Terra Divina e de Punt. (ERMAN, 1971:514).

Em conclusão, o comércio do Egito com os países do incenso deixa poucas influencias de grande efeito a longo prazo. Entre elas está a introdução do deus Bês, que a partir do Novo Império torna-se um deus protetor no Egito.

Entretanto, a busca de coisas especiais para suas rotinas e cerimoniais leva os egípcios a empreitadas grandiosas através de desertos e mares e a um lugar especial entre aqueles que, na modernidade, chegam a novos continentes. Ao contrário do que normalmente se afirma sobre os antigos Egípcios, eles são com toda a certeza elementos efetivos e ativos na busca milenar da humanidade pelo raro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAINES, John e MÁLEK, Jaromir. *O Mundo Egípcio. Deuses, Templos e Faraós*. Madrid: Edições del Prado, 1996.

BETRÒ, Maria Carmela, *Les mystères de l'écriture*, Paris: Flammarion, 1995.

ERMAN, Adolf. *Life in Ancient Egypt*. New York: Dover Publications, 1971.

CARDOSO, C. Escrita, sistema canônico e literatura no antigo Egito. *In: BAKOS, Margaret Marchiori e POZZER, Katia Paim. (org) III Jornada de Estudos do Oriente Antigo. Línguas, escritas e imaginários. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998, pp 95-144.*

JAMES, T.G.H. *Pharaoh's People*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

KEES, Hermann. *A Cultural Topography*. London: Chicago Press, 1977.

MARTINEZ, Philippe. Une Expedition pacifique au lointain pays de Pount. *Le dossiers D'Archeologie, N. 187S / NOV/ 1993.*

WILSON, Hilary. *Understanding Hieroglyphe*. London: Mara Books Limited, 1993.

Este artigo está publicado na Revista PHOINIX, LHIA/UFRJ/